

# **TEORIAS PÓS-COLONIAIS E A LITERATURA DAS AMÉRICAS: O REFUNIONAMENTO DAS FORMAS NARRATIVAS E A FICÇÃO AMERÍNDIA CONTEMPORÂNEA NO BRASIL, ESTADOS UNIDOS E CANADÁ**

Eloína Santos  
UFRGS

“Na última década o pós-colonialismo tomou seu lugar junto a teorias como o pós-estruturalismo, a psicanálise e o feminismo como um dos principais discursos críticos na área de ciências humanas” (1), afirma Leela Ghandi. Ghandi define a história intelectual do pós-colonial como a dialética entre o marxismo, de um lado, e o pós-estruturalismo/pós-modernismo de outro. Como consequência desse uso tão diversificado e interdisciplinar, as teorias pós-coloniais têm gerado um imenso corpus de produção acadêmica especializada sobre nacionalismo e internacionalismo, essencialismo e hibridação, solidariedade e dispersividade, totalidade e fragmentação, alteridade cultural e metanarrativa, e a reflexão sobre as manifestações culturais pós-coloniais têm sido orientadas pela discussão de aspectos muito diversos, como migração, escravidão, raça, gênero, resistência e suas reações às narrativas-mestras européias. O diferencial apresentado pelas práticas discursivas, no entanto, reside no processo histórico da colonização, que inclui formas contemporâneas como a globalização e o apagamento de diferenças étnico-culturais.

Como literatura pós-colonial descreve manifestações que potencialmente cobrem quinhentos anos de história, desde o aportar de Colombo na América ou a exploração da costa africana além do Cabo da Boa Esperança, e geograficamente espalha-se por todos os continentes do globo, é necessário traçar limites.

O presente estudo concentra-se na narrativa de ficção produzida nas Américas na segunda metade do século XX, mais especialmente aquela escrita por autores de origem nativa nos Estados Unidos e no Canadá. Autores não nativos que enfocaram as culturas indígenas com uma visão semelhante àquela adotada pelos autores indígenas figuram no estudo tanto para reforçar os temas propostos como contraponto a estes. No caso da literatura brasileira, o indianismo têm sido representado quase que exclusivamente por autores não nativos, mas nos últimos dois anos, provavelmente a partir de reflexões sobre os quinhentos anos de expansão colonial que se completam, vários textos não-ficcionais de autores nativos brasileiros têm sido publicados como resultado de manifestações em encontros nacionais e internacionais. Também surgiram livros de antropólogos e historiadores e indianistas que reúnem depoimentos de várias tribos brasileiras sobre seus mitos, crenças e costumes. Esse material será incluídos no estudo, uma vez que mesmo descritos como depoimentos, entrevistas, palestras e registros históricos, essas narrativas demonstram uma perfeita coincidência temática e alguma semelhança retórica com as narrativas de ficção dos autores nativos estadunidenses e canadenses abordados pela pesquisa.

Dentre os sujeitos do processo de colonização, os índios do continente americano têm sido menos estudados se tomarmos como exemplo os aborígenes australianos, os nativos do continente africano, os indianos, por exemplo. Uma das razões parece ser sua quase exclusão das definições dos diversos tipos de condição pós-colonial encontradas atualmente, causada pela massiva importação de escravos e pela situação de independência política precoce ocorrida nos três países enfocados. O debate entre colonizado/colonizador foi deslocado para as relações entre os primeiros imigrantes, seus processos de independência e suas relações com o império que lhes deu origem, por um

lado, e por outro concentrando-se na situação de minoria econômica e socialmente excluída dos negros e das mulheres dentro desses países. Outros fatores determinantes na “invisibilidade” do nativo foram as práticas de exterminação e confinamento destes povos cujas culturas, línguas e hábitos foram erradicados em alguns casos, impossibilitados em outros, ou ainda sofreram processos de aculturação forçados e violentos. Por outro lado, o nível de resistência dos povos indígenas aos processos de aculturação e escravização mostrou-se responsável pela preservação de muitos traços culturais que puderam emergir nesta segunda metade do século na esteira dos movimentos por igualdade de direitos civis promovidos pelos negros, pelas mulheres e pelos homossexuais, por mudanças de paradigmas modernos que buscaram uma mentalidade ecológica e uma aceitação da diversidade cultural e racial e valorizaram o hibridismo em todas as suas formas.

Na segunda metade do século, as mudanças dos paradigmas políticos e sócio-culturais ocasionaram grandes mudanças nas formas de arte tradicionais, o que também ocorreu com as formas narrativas. O pós-colonialismo avança sobre os desenvolvimentos teóricos e formais introduzidos pelo pós-moderno (descentramento, fragmentação, engajamento paródico do passado, reação a subjetividades homogêneas) ao não aceitar as idéias de fim da história e fim das utopias. As teorias pós-coloniais também reagem à tendência pós-moderna de reducionismo do social ao plano discursivo e volta-se para o re-estabelecimento dos vínculos textuais com seus extra-textos e para a resignificação social e política das representações artísticas.

No decorrer do século XX, os escritores indígenas passaram por processos de transcrição e tradução de sua cultura realizada por representantes do *establishment* e passaram pela fase do realismo tradicional que relatou os massacres, os confinamentos, a exploração, o preconceito que pautou as relações entre os colonizadores e esses povos. Mas a disseminação do refuncionamento local das formas de arte européias, na literatura representadas principalmente pelo “New Realism” no romance africano e pelo realismo mágico nas américas, os escritores nativos encontraram espaço para expressar-se artisticamente usando as formas de expressão hegemônicas e apropriando-se delas de forma criativa. Essa criatividade nutre-se da oralidade, da mitologia e da experiência nativas para subverter e refuncionar o conto e o romance (objetos deste estudo) e ao mesmo tempo cumpre a função pedagógica de revelar e expandir sua cultura entre não nativos e entre nativos privados do contato com suas origens pelo processo de colonização ao mesmo tempo em que inserem suas vozes entre as vozes hegemônicas, concorrendo com elas dentro do seu próprio espaço.

A produção literária dos escritores nativos nos Estados Unidos e no Canadá proliferou consideravelmente na segunda metade do século e seria equivocadamente homogeneizante tentar descrever a variedade de caminhos e soluções encontradas nessa produção, assim sendo, enfocaremos apenas narrativas produzidas nas últimas duas décadas e que revolucionam de forma notável o conto e o romance contemporâneos pela introdução de uma sintaxe e uma estruturas estranhas à cultura hegemônica e pelo engajamento irreverente com as narrativas-mestras da cultura branca, cristã, ocidental e norte americana.

Entre estes autores citamos Gerald Vizenor (E.U.A.), Thomas King (Canadá) e Kaka Werá Jecupé (Brasil). Escritores não nativos, como William Eastlake e Antonio Callado, também serão analisados por seu uso das culturas indígenas para promover uma crítica da cultura ocidental, branca, cristã em seus aspectos contemporâneos.

(1) Leela Ghandi. *Postcolonial theory*. New York: Columbia University Press, 1998. “Prefácio”, p. viii.